

ESTUDO DE CASO

Comunidade Indígena Pataxó

Aldeia Indígena Barra Velha (Xandó)

“O índio não deve abrir mão da natureza, deve lutar por ela! A natureza pediu socorro e disse chega!” (Ana/Jandaya , 2016)



Informação georeferencial

O Povo Pataxó vive no extremo sul da Bahia, no nordeste do Brasil, distribuídos em cerca de trinta aldeias nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Prado, Itamaraju. Há ainda três aldeias no município de Carmesim, e outras três nos municípios de Araçuaí, Açucena e Itapeçerica em Minas Gerais. A comunidade em questão vive na subaldeia Xandó pertencente à aldeia-mãe de Barra Velha.

A divisão política administrativa do Brasil divide o território brasileiro em 27 Unidades da Federação (UF), cada uma com seus municípios como divisão administrativa autônoma. O município de Porto Seguro, pertence ao governo da Bahia, o estado brasileiro com a maior extensão costeira. No Nordeste, a Bahia representa a maior extensão territorial, a maior população, o maior produto interno bruto e o maior número de municípios.

O município de Porto Seguro é conhecido por ser o local de chegada dos portugueses ao Brasil em 1500. A cidade possui hoje uma população estimada em mais de 142 000 habitantes e teve sua origem em 1534 como um vilarejo colonial. Porto Seguro se divide em cinco distritos: Porto Seguro (sede), Arraial d'Ajuda, Caraíva, Trancoso e Vale Verde. O clima é tropical com maior incidência de chuvas no meses de março a maio, chegando a 42°C durante o verão e mantendo a média de 25°C durante o inverno.

A natureza da região é, há muito tempo, foco de madeireiros, fazendeiros, entre outros exploradores. A terra é disputada por indígenas, camponeses locais e a agroindústria. Esta região é historicamente conhecida por produzir coco e caju. Hoje a base da economia é o turismo. Porém o reflorestamento com o eucalipto, a pecuária, o comércio e os serviços são considerados importante para manter os fluxos econômicos o ano inteiro.

A doação territorial inicial efetuada pelo Estado brasileiro determinou 8626 hectares de reserva natural para os índios Pataxó e 52 hectares foram deixados em processo de demarcação. Em 1943, a área passou a ser protegida com o nome de Monumento Monte Pascoal e, em 1961, foi transformada em parque nacional. A área do parque é compartilhada com a reserva indígena, território dos Pataxó.

O parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP) está localizado entre o rio Corumbau e o rio Caraíva, no sul da Bahia e é considerada a primeira porção de terra avistada pelos navegadores portugueses. Nas primeiras décadas da colonização portuguesa, viviam apenas povos indígenas ali. A Unidade de Conservação foi criada com o objetivo de manter os ecossistemas da beira da praia até os rios, que circundam o Monte Pascoal. O parque pretende proteger todo o ambiente natural da região deste marco histórico. Por ter em sua área a presença de indígenas desde antes de sua criação pode também ser decretado Terra Indígena da etnia Pataxó.

Com seus 22.383 hectares, o parque possui uma área natural que apresenta uma diversidade de paisagens e belezas cênicas únicas, abrangendo a praia da Aldeia de Barra

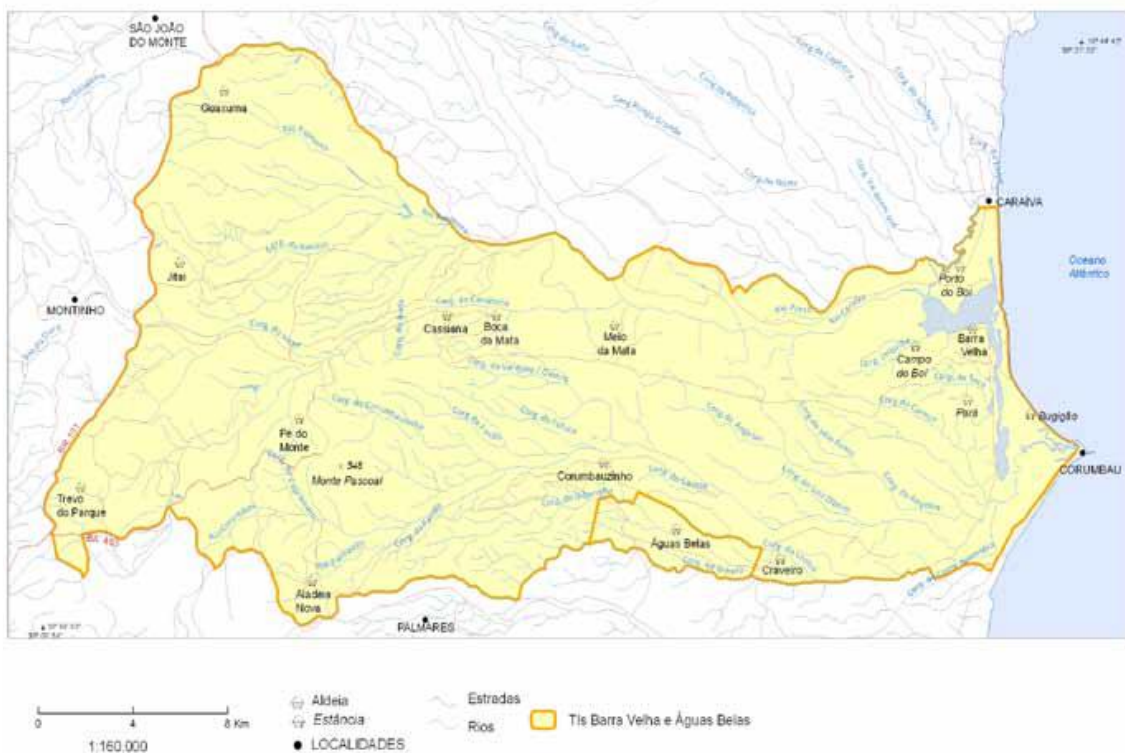


BRASIL
MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

Velha com águas cristalinas e a vegetação de restinga conservada, o manguezal, as florestas de restinga e as praias pluviais dos rios, os campos de Mussununga e a Mata Atlântica.



LOCALIZAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS
BARRA VELHA E ÁGUAS BELAS



Mapa da localização das Terras Indígenas Barra Velha e Águas Belas (Fonte: FUNAI)

A Terra Indígena Barra Velha compreendia, por ocasião da sua homologação em 1991 (decreto 396, de 24/12/91), as aldeias Barra Velha, Boca da Mata e Meio da Mata, e não



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

corresponde, absolutamente, à totalidade do território tradicionalmente ocupado por este povo, uma vez que o mesmo foi em grande parte absorvido pelo Parque Nacional Monte Pascoal (PNMP). As Terras Indígenas Barra Velha (com área de 52.748 hectares e 4.649 habitantes) e Águas Belas (com área de 1.189 hectares e 300 habitantes), com 11 aldeias principais e 5 subaldeias representam hoje as principais terras ocupadas pelos índios Pataxó.

Um caso de massacre, retomada de terras e resgate cultural

O povo Pataxó vivia tradicionalmente em bandos seminômades, entre as bacias dos rios João Tiba e São Mateus, ao sul, e Pardo e Contas, ao norte, convivendo com outras etnias. A expansão agrícola brasileira os alcançou em vários períodos históricos de forma violenta. Os Pataxó se mantiveram relativamente isolados da sociedade nacional por muito tempo vivendo no sul da Bahia desde o aldeamento forçado na atual Aldeia de Barra Velha em 1861. Os Pataxó lutam para permanecer neste local, onde o seu isolamento vem sendo crescentemente rompido.

O território tradicional dos Pataxó de Barra Velha, com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, passou a ser objeto de disputa entre os índios e o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). O povo Pataxó enfrentou um longo período de privação provocado pela proibição da utilização econômica do seu próprio território. Os guardas do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) responsáveis por impedir o desmatamento proibiam também a plantação e a caça dos índios. Esta situação motivou uma grande dispersão dos Pataxó, compelidos a buscar meios de subsistência em outras áreas. A vida nas aldeias foi dificultada e alguns índios inconformados decidiram caminhar para as cidades grandes em busca de representantes para resolver os problemas.

Uma solução para esse problema foi prolongada por muito tempo, e, mais recentemente, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e o IBDF chegaram a um acordo que oferece aos Pataxó o uso de apenas 8.720 hectares dos 22.500 do Parque. Além de ser uma área extremamente reduzida para as necessidades da sociedade Pataxó, abrange, em sua maior parte, terrenos impróprios para a agricultura, como brejos, faixas arenosas e campos. Essa decisão provocou grandes manifestações de insatisfação e revolta por parte dos Pataxó. A retomada é como os Pataxó se referem à forma de resgate do terreno ao caracterizar a ocupação de terras não identificadas como indígenas, mas que a tradição Pataxó reconhece e reivindica como tal.

Em 1951, duas pessoas, dizendo ser um antropólogo e um engenheiro se disponibilizaram para ajudar. Prometeram acabar com os problemas da comunidade, mas criaram uma armadilha para incriminar os índios. O povo Pataxó foi enganado e com isso foi criada uma oportunidade para policiais invadirem suas terras. Hoje acreditam que eram pessoas enviadas por fazendeiros para demarcar as terras injustamente. Houve um conflito entre policiais e indígenas, resultando na morte de muitos índios, queima de ocas, estupro de



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

mulheres e tortura de crianças. Esse episódio foi conhecido como o “fogo de 51”. Os indígenas que antes ocupavam a faixa litorânea brasileira, foram lentamente para o interior do país em busca de melhores condições de vida.



Desenho Pataxó ilustra o fogo de 51

Antes do fogo de 51, os Pataxós temiam a demarcação, depois a desejavam.

Após o massacre de 1951 foram eleitos caciques para cada aldeia e um cacique geral. O massacre teve consequências psicológicas e sociais em todos os índios. Há até hoje receio de mostrar sua identidade e medo que sua cultura seja motivo de violência. Muitos não se atrevem a usar seus artesanatos fora da aldeia e se esforçam para não parecer índio. A instabilidade emocional Pataxó, decorrente de uma série de acontecimentos trágicos tem debilitado a sua organização social e tornado extremamente inseguras as suas relações internas e com a sociedade envolvente.

Caraíva era parte da reserva indígena e foi doada aos pescadores nativos pelo cacique da época. Os visitantes, que ficavam na casa dos pescadores, foram comprando terrenos e a vila foi crescendo sem documentos das terras. Mesmo assim, se pode dizer que há uma convivência pacífica entre os moradores de Caraíva e os indígenas. O vilarejo se tornou uma fonte de renda para os Pataxó. Mas o reconhecimento em forma de gratidão da parte dos compradores de terra em Caraíva aos índios não existe. O preconceito é um tema presente e visível para o povo Pataxó. A especulação imobiliária do povoado litorâneo paradisíaco e turístico cresce, ameaçando uma possível tentativa de expansão para as terras indígenas.



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

A luta por território envolve também a agroindústria. Os fazendeiros da região intimidam indígenas Pataxó com ameaças físicas, como a tentativa e o ato de homicídio, queima de casas de palha e perseguição. Há uma carta declaratória em Brasília esperando ser assinada pelo Poder Executivo para reconhecer a terra indígena em 52 748 hectares. Ela ainda não foi assinada por causa da pressão dos ruralistas e os fazendeiros seguem cercando ilegalmente as terras para a produção de café, pimenta e eucalipto, poluindo as águas com químicos.

O caso pode ser resumido pelos seguintes movimentos:

1. Grupos nômades forçados ao aldeamento
2. Limitação da utilização das terras por órgãos de proteção ambiental
3. Terra sem demarcação invadida por fazendeiros
4. Pedido de regularização sob pressão política
5. Especulação imobiliária ameaçando uma expansão de Caráiva

E os objetivos da sociedade Pataxó:

- ➔ Retomada das terras e demarcação das mesmas
- ➔ Permissão de uso ilimitado das terras
- ➔ Resgate cultural

O caso em questão se trata de uma terra coletiva de uma comunidade indígena Pataxó chamada Xandó da Terra Indígena de Barra Velha. São 38 aldeias em 8626 hectares de dotação territorial efetuada pelo Estado. A demarcação interna foi realizada pelo cacique da época, *Tururin*. Há ainda 52 hectares não demarcados em situação informal. As terras são regularmente invadidas por particulares com documentos falsos das terras, principalmente as terras em fase de demarcação.

A resistência do povo Pataxó é caracterizada, principalmente, pelo fato de terem se mantido na região, apesar de tudo. Muitos migraram para outras regiões, outros se integraram vivendo uma vida urbana, mas os que ficaram resistem e lutam pelos seus direitos. A Luta é representada por alguns índios muito ativos na política e no movimento indígena. O resgate da cultura se dá através de escolas locais, rituais regulares, contato com a natureza, e também, pelo incentivo ao orgulho indígena. Pode-se dizer que a resistência é feita de forma passiva, pois a repressão também é espontânea, informal e às vezes passiva – da parte das autoridades estatais, empresários e fazendeiros. O preconceito é um exemplo de uma repressão constante e invisível, sentida por muitos, mas discutida por poucos. Uma repressão ativa e violenta seria a queima de casas de palha, a invasão de terras, até o assassinato de índios. Sobre a resistência a esses atos se tem pouca informação. Mas seguir vivendo nessas terras apesar do medo é uma grande resistência.

Características culturais

O espaço habitado pelos Pataxó compreende uma área litorânea com ocorrência de mangues e terrenos arenosos junto à costa, e faixas de campo e floresta nas áreas mais interiores. O clima é tropical, quente e úmido o ano inteiro. A população é ancestralmente muito ligada ao campo e à região.

Atualmente existe um grande esforço para ampliar o vocabulário Patxohã (“língua do guerreiro pataxó”) na recuperação da sintaxe por meio de pesquisas realizadas por professores e estudantes universitários das diversas comunidades Pataxó. Trata-se de um processo complexo de reconstrução linguística, que exige muito tempo e empenho. O Patxohã está sendo ensinado na escola indígena de Barra Velha desde a década de 1990. Há também um curso de graduação étnico-cultural em Belo Horizonte voltado para indígenas Pataxó.

Antes do contato com a religião católica, “Deus” para o povo Pataxó era a lua, o sol e as estrelas. “Tudo o que ajuda e faz o bem era Deus.” Hoje o catolicismo está bem implementado e a maioria é católica.

A miscigenação com brancos não é estimulada, mas tampouco discriminada. O casamento entre índios é o mais comum, mas existe também misturas. Há a preferência para não misturar, mas não há proibição. Cada um tem a liberdade para escolher. Há, contudo, mais mulheres do que homens em geral.

É importante observar, que apesar do violento contato histórico experimentado pelas várias etnias estabelecidas na reserva Caramuru-Paraguaçu, as concepções cosmológicas, a mitologia e os rituais continuam vivos, e passíveis de serem acionados sob certas circunstâncias, notadamente pelos mais velhos.



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA



Calendário sócio-cultural Pataxó retirado do livro infantil "Leituras Pataxó"

O calendário sócio-cultural representa as atividades de acordo com a época do ano.

Os Pataxó fabricam peças de artesanato, arcos, flechas, lanças, cocares, pulseiras, colares e outros adornos apreciados pelos turistas. Vendem como fonte de renda. "O dinheiro só serve para comprar aquilo que não temos, para construir o alimento na própria terra. Dinheiro é uma arma!" (Ana Pataxó, líder informal da comunidade e esposa do cacique da aldeia Xandó, Sebastião)

Hoje, os Pataxó se preocupam com a preservação do meio ambiente e de sua cultura. Replantam árvores, resgatam danças e ritos, valorizam a língua e os cantos indígenas. Reúnem-se em volta de uma fogueira, principalmente em noites de lua cheia para contar e ouvir suas histórias e lendas. Assim, vão transmitindo suas experiências, mantêm suas festas, rituais, danças, jogos, comidas e bebidas típicas, pinturas e cantos indígenas. Tudo isso faz parte da grande festa indígena realizada dia 19 de abril, no Dia do Índio.

História

O Monte Pascoal, no Sul da Bahia, foi a primeira porção de terra do Brasil avistada pelos navegadores portugueses no século XVI. Nas primeiras décadas da colonização portuguesa, havia muitos povos indígenas ali presentes. A região foi ocupada pelos Tupinambá e logo pelos Pataxó. A presença de Pataxó no sul da Bahia é confirmada por relatos de naturalistas europeus. Até o início do século XIX os índios Pataxó não haviam sofrido tanto com a chegada dos colonizadores por viverem em pequenos grupos, e com poucos pertences, de forma seminômade. Ao menor sinal de perigo migravam para zonas seguras. Assim escapavam dos colonizadores e preservavam seus padrões sociais, culturais e territoriais. Dessa forma também viviam os índios Maxacali, Kamakã e Botocudo, cujas línguas, juntamente com a dos Pataxó e muitas outras pertenceriam a família linguística Macro-Je, a qual ainda permanece hipotética.



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

Como os colonizadores começavam a investir na pecuária, e precisavam das terras para a implantação deste novo modelo econômico implantado em meados do século XVIII iam expulsando à força os índios, com incentivo da coroa portuguesa. Devido aos ataques, fome e doenças, muitos índios optavam por entregar-se às missões jesuíticas para sobreviver, dizimando a cultura indígena na região.

- 1805** Índios Pataxós marcam presença na região próxima ao Monte Pascoal, citado na carta de Pero Vaz de Caminha.
- 1861** Governador da Província determinou o aldeamento forçado dos Pataxó e outras etnias próximo à foz do Rio Corumbau, a atual Barra Velha, que seria uma construção dos Pataxós e não de religiosos e administradores coloniais.
- Anos 40** Produção agroextrativista dos próprios índios e mão-de-obra indígena nas atividades madeireira, extrativismo de piaçava e cacau.
- 1944** Iminência de criação do Parque Nacional. Notícia de que os indígenas teriam que sair da área.
- Anos 50** Invasão de fazendeiros de cacau.
- Até 1951** Pataxós são pressionados por fazendeiros de cacau e madeiros. Roupas infectadas por lepra e varíola eram espalhadas por plantadores de cacau entre os rios Contas e o Prado.
- 1951** Fogo de 51, revolução e massacre. Revolta dos caboclos de Porto Seguro, processo de repressão da polícia contra os índios de Barra Velha. Mortos por tiro ou em consequência das feridas. Fugas para o mato.
- 1957** Pataxó considerados extintos. Retorno de famílias, mas sem garantia de posse da terra. Chegada de fazendeiros.
- 1961** Criado o Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP) com 22500 hectares.
- 1971** Reconhecimento dos Pataxó pela FUNAI.
- 1973** Surto madeireiro, inauguração da BR-101 e crescente mercado de turismo.
- 1978** FUNAI inicia a demarcação das Terras Indígenas e os Pataxó começam a se organizar.
- Até 1980** Paralisada a questão de legitimidade de domínio sobre as terras.
- 1988** A constituição protege os direitos dos índios, reconhecendo a sua cultura e proibindo uma introdução forçada de outras culturas.



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

- Anos 90** Pataxó reivindicam o território e se envolvem em projetos de desenvolvimento sustentável.
- 1992** Pataxó formam a Associação dos Sem-Terra
- 1993** Recuperação da língua e da cultura.
- 1997** FUNAI reconhece as irregularidades de demarcação da Terra Indígena Barra Velha e reconhece o direito dos Pataxó de terem identificadas suas terras tradicionais.
- 1999** Representantes das 6 aldeias retomam a sede administrativa do Parque Nacional com o propósito de assumir gestão. Um agente da FUNAI faz recomençar a revisão dos limites das terras indígenas de Barra Velha e do Parque Nacional do Monte Pascoal.
- 2000** A última retomada das terras indígenas com o apoio e a segurança da FUNAI. Pataxó sofrem repressão da Polícia Militar na manifestação de Santa Cruz Cabrália, nas comemorações dos 500 anos do descobrimento.
- 2005** Divisão da FUNAI em FUNAI e FUNASA, diminuindo o suporte à população indígena. Grande polêmica entre governo, fazendeiros e índios.
- 2008** Publicado o *Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Barra Velha* com 52 748 hectares.
- 2015** PEC 215 no Congresso
- 2016** Ainda à espera da carta declaratória feita por antropólogos ser assinada.

A PEC 215 é uma lei criada pelos ruralistas no Congresso para desmatar e produzir em reserva indígena. Se ela for reativada criará polêmica e se for aceita todas as reservas indígenas do país perderão 8% do seu território demarcado. A última votação ocorreu durante os jogos olímpicos indígenas como estratégia para distrair os índios. Mas havia índios em Brasília e houve protesto, prorrogando mais uma vez a decisão.



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA



Ato contra a PEC 215

Aspectos legais de acesso à terra

A área do parque foi demarcada onde tradicionalmente era território Pataxó, que desde 1861 ocupava a região. Surgiu um impasse entre as lideranças indígenas e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e os interesses conservacionistas. As atividades ilegais nas Unidades de Conservação (UC) são difíceis de monitorar, assim como a aplicação dos instrumentos legais é baixa na região. O valor de mercado de recursos da unidade é alto. A extração de madeira tende a aumentar ligeiramente de forma generalizada na UC e provocam um alto impacto a longo prazo nos próximos 20 anos. A Veracel (produtora de celulose) monopolizou o plantio de eucalipto, represou rios, contaminou a água, secou a terra e ameaça os índios.

As instituições que ajudam a comunidade Pataxó são a Secretaria do Meio Ambiente, a Superintendência de Assuntos Indígenas (prefeitura de Porto Seguro), a FUNAI, a FUNASA e a SESAI, assim como uma ONG pastoral da criança - uma organização cristã que pretende ajudar as crianças de Barra Velha. A SESAI é o órgão da FUNAI responsável pela saúde. A CTL é a FUNAI dentro da aldeia em Barra Velha, que é responsável pelos registros, benefícios sociais e documentos. A FUNAI é um órgão do governo para proteger o índio,



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

mas, de acordo com eles, que hoje apenas fiscaliza. Os Pataxó sentem a necessidade de um representante no Governo que respeite e assuma a causa dos índios. “Funcionários da FUNAI dizem não existir recursos, mas se não tivessem a FUNAI já teria acabado. Antes eles assumiam os poderes executivos e legislativos e hoje apenas fiscalizam.” (Ana e Sebastião) Há 10 anos a FUNAI perdeu os seus poderes e os índios perderam a tutela da FUNAI, porque hoje já votam, têm carteira de motorista, estudam em faculdade etc. A FUNAI antes tutelava, até mesmo trazendo pão em barco e a cavalo. Criaram limitações para os índios, como por exemplo no mar, onde há a necessidade de carteira de barco e há metragem de distância definida.

Todos os índios têm direito ao livro da Legislação Indigenista e o recebem gratuitamente da FUNAI. Muitos têm consciência dos seus direitos e entendem as diferenças jurídicas entre os brancos e eles.

ASPECTOS JURÍDICOS

Dentre as normas relevantes e os marcos legais relacionado aos índios da Bahia e também do Brasil, destacam-se:

- A Convenção no. 169 da **Organização Internacional do Trabalho (OIT)**, promulgada pelo Decreto 5051, de 18 de abril de 2004, que reconhece a tendência natural dos povos indígenas de assumir o controle de suas próprias instituições com vista à preservação da sua identidade, ao desenvolvimento da sua economia, à manutenção da língua e religião, etc., e lembra a particular contribuição dos povos indígenas e tribais à diversidade cultural, à harmonia social e ecológica da humanidade e à cooperação e compreensão internacional.
- A **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**, que reconhece para os índios, no seu Artigo 231, as diversas formas de organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.
- A Lei 6001/73 – **Estatuto do Índio** – regula a situação jurídica dos índios e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional.
- A Lei 10406/02 do **Novo Código Civil Brasileiro** que deixa de tratar o índio como incapaz, como fazia o Código Civil anterior, remetendo a matéria à legislação especial, conforme Parágrafo Único do seu artigo 4º.
- A **Constituição do Estado da Bahia**, que, em seu Capítulo XXIV, Artigo 291, dedicado ao Índio, considera dever do Estado colaborar com a União em benefício dos índios sendo-lhe vedada qualquer ação, omissão ou dilação que possa resultar em detrimento de seus direitos originários. São também compromissos do Estado: (i) preservar, na forma da lei, os recursos naturais situados fora das terras indígenas, cuja deterioração ou destruição

possa prejudicar ao ecossistema e à sobrevivência biológica, social e cultural dos índios; (ii) acesso à água, sem qualquer ônus, aos povos indígenas que ocupam terras escassas em recursos hídricos; (iii) incluir no currículo das escolas públicas e privadas, de 1º e 2º graus, o estudo da cultura e história do Índio; (iv) instituir, via instrumento legal, canais permanentes de comunicação com as lideranças legítimas, livremente emanadas dos povos e das organizações indígenas, que facultem a manifestação da sua vontade política perante o Estado; (v) facilitar a relocação de posseiros não-índios em suas terras devolutas, quando a União os retirar das terras indígenas que ocupem ilegalmente.

- O **Decreto Estadual** No. 3.471, de março de 2003, criou a categoria da escola indígena como integrante da rede estadual de ensino.

Organização da comunidade Pataxó

Nas subaldeias pertencentes à aldeia de Barra Velha, hoje pode-se observar a distribuição da seguinte forma:



Barra Velha:	480	famílias
Xandó:	68	famílias
Pará:	53	famílias
Bugigão:	52	famílias
Campo do Boi:	37	famílias

A **aldeia Xandó** foi fundada há 6 anos.

A fruta xandó é uma fruta predominante no terreno – origem do nome da aldeia.

Os Pataxó se organizam em famílias nucleares, constituídas de seis membros em média. As crianças participam ativamente das atividades domésticas. A divisão social do trabalho é pouco rígida. Aquelas atividades que exigem maior gasto de força física são caracterizadas como atividades masculinas. As tarefas que dependem de maior quantidade de força-de-trabalho são realizadas de forma cooperativa, entre várias famílias. Há pessoas que se destacam como artesãos e pescadores.

O cacique é o representante político do seu povo, servindo como intermediário entre os Pataxó e a sociedade nacional, sobretudo a FUNAI. O seu papel político nos limites da aldeia é sempre exercido com o apoio dos chefes de família, prevalecendo a sua condição de mediador. Outros **atores importantes** são os pajés, os tesoureiros, os enfermeiros e as sete lideranças –que ajudam cada cacique, mas não tem função definida. Cada aldeia organiza uma associação de coleta de dinheiro coletivo, pois não pagam taxas internas,



BRASIL

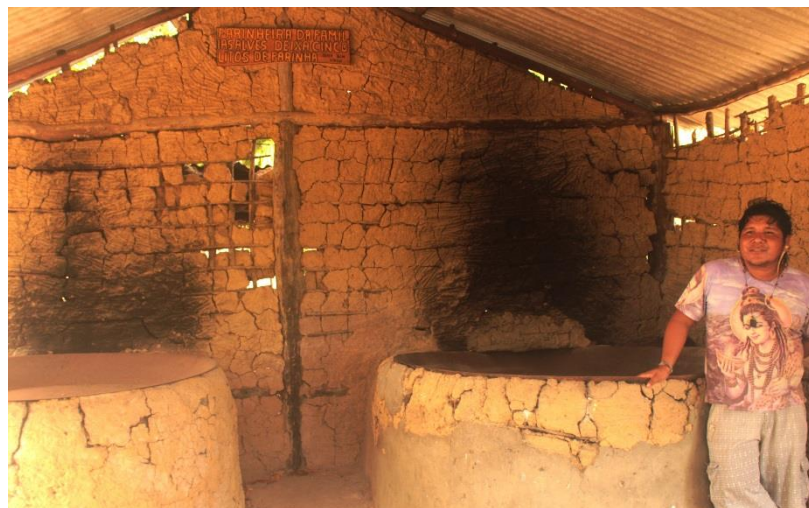
MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

apenas contribuições para projetos definidos. No caso da aldeia Xandó, o dinheiro é arrecadado através do estacionamento localizado na área central da aldeia. Este dinheiro é utilizado para tratar doentes e cuidar de problemas da aldeia. O cacique é eleito a cada 4 anos por um sistema de cédulas. Antes na votação existe uma discussão pública informal, na qual a propaganda boca-a-boca prevalece. Ele não recebe salário e pode ser rejeitado ou mesmo rejeitar o cargo depois de um ano, se a população não estiver satisfeita. Nas reuniões se reconhece as necessidades nas áreas de educação e saúde. Toda a comunidade é convidada a participar da reunião. Tudo funciona por consenso, sem votação. Acontece por demanda e regularmente uma vez por mês na escola. Às vezes 2 ou 3 vezes por mês com presença de 50 ou mais pessoas. Existe grande interesse. Antigamente os índios costumavam peregrinar para lugares onde poderiam resolver problemas políticos, como Recife. Andavam com a missão de encontrar representantes políticos. Hoje há indígenas dentro da prefeitura, na Subintendência de Porto Seguro por exemplo. Mas a burocracia continua complexa e dificultando a resolução rápida dos problemas.

As **atividades**

econômicas básicas

são a agricultura, a coleta vegetal e animal, a pesca, a extração vegetal de piaçava e madeira, a produção artesanal, atividades de comércio (produtos industrializados), e caça. A agricultura é a atividade dominante, realizada em pequenas roças



Farinheira na aldeia Barra Velha

familiares, sendo seu principal produto a mandioca, seguido da cana-de-açúcar, milho, arroz e feijão, dentre outros. A criação de animais é pouco desenvolvida, limitando-se a animais de carga e à criação doméstica. No artesanato há enfeites de pena, arco e flecha, instrumentos, utensílios domésticos como colheres de pau e vasilhas, entre outros. Os produtos da agricultura da aldeia do Pará, Campo do Boi e Barra Velha são trocados por peixe da aldeia do Bugigão e Xandó. Quem mora na roça troca com quem mora na costa. Na aldeia do Bugigão não há água, por isso trocam com as outras aldeias: água por peixe.



MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

BRASIL



Restaurante à beira-mar

O turismo, a pesca, a agricultura, a pecuária e o artesanato dependem da época do ano. Na alta temporada o turismo e o artesanato prevalecem, na baixa as atividades internas, como a agricultura, a pesca e a pecuária predominam.



Artesanato com palha de coco

Na aldeia Xandó a área de terra fértil é muito limitada: apenas 15 km no interior do terreno. Há, contudo, aroeiras, coqueiros e xandó, como também, o plantio de aipim, abacaxi, banana, batata, milho, urucum e melancia. A agricultura é adaptada ao terreno arenoso e limitado ao pequeno espaço de terra fértil. Há também o plantio informal e de pequeno porte de tomate, coentro e salsa de peixe nos quintais das casas para consumo próprio. A plantação coletiva se estende à mandioca, feijão, milho, banana, abacaxi, abóbora, melancia, batata doce, coco, tomate, alface, cana de açúcar. Em 2015 choveu pouco e a plantação foi muito prejudicada, apenas a plantação de melancia teve êxito. Há também produção interna de kwyuna (farinha de mandioca), beiju e caium. Para a produção da farinha de mandioca há fornos, prensas, motores de ralar e outros instrumentos espalhados pela reserva.



Plantação de abacaxi na aldeia Barra Velha



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA



A pesca é possível o ano inteiro. Alguns índios **trabalham** na beira do rio vendendo água de coco e peixe frito e algumas índias fazem o artesanato e depois vendem com as crianças. Os homens fazem as peças de madeira e as mulheres as bijuterias. Há doze barracas indígenas no delta do rio Caraíva, onde todos os turistas ficam.

Os rituais representam **cultura**, luta, força, resistência e fé. Na aldeia Xandó, há toda segunda, quarta e sexta-feira à noite. Em eventos especiais são oferecidas frutas para a celebração.



A recuperação da cultura existe há 10 anos como disciplina no currículo escolar. Patxôhã é a disciplina que ensina a língua Pataxó e as histórias do povo. História e artes são voltados para o Patxohã, já português, matemática e geografia são convencionais. O objetivo é poder trazer tudo para a realidade Pataxó, como trabalhar com os animais e as plantas locais. O índio mais velho, Tururin, era fonte de informação da cultura, mas perdeu a fala quando teve um AVC há um ano. Hoje apenas 80% da língua Pataxó é falada, muitas palavras foram esquecidas. Foi institucionalizado e é ensinado nas escolas. Ensinamentos funcionam de pais para filhos, e assim, aprendem sobre a fauna e a flora regional. Porém, devido à proximidade com as cidades de Corumbau e Caraíva, a interação e a influência são muito fortes. “Nós temos grande dificuldade em manter a cultura visual de antigamente. O índio virou ficção e objeto de decoração.” (Daniel Santos/ Guanamby).



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

<<<



Ritual regular Awê na aldeia Xandó

“Antes comíamos peixe saudável, tínhamos água cristalina e limpa. Nós morríamos apenas de velhice ou parto, mas hoje já há jovens morrendo de câncer e outras doenças que causam morte precoce.” (Ana). O conhecimento que os pajés possuem sobre a flora local e a manipulação das ervas é digno de muito reconhecimento. É uma sabedoria ancestral, que resulta de anos de observação, prática e depende da transmissão oral de conhecimentos. Ervas medicinais são muito utilizadas pelo povo Pataxó de modo geral, como por exemplo a amesca, babosa, santa maria, cardo santo, tioiô, confrei, hortelã, boldo, coentro-maranhão, cana-de-macaco, artimijo, mastruz, raiz do uanu, casca da mangaba e do caju e aração.

Contudo, existe um posto de **saúde** da prefeitura. O posto de saúde da prefeitura na aldeia Xandó tem visita de médicos e enfermeiras uma vez ao mês. Existe, porém, uma necessidade diária que não pode ser recompensada com uma visita mensal. Faltam medicamentos, costuma lotar e o resultado dos exames pode chegar depois da morte da pessoa.



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA



Poço artesiano e lixo para ser queimado

Uma nova escola será inaugurada este ano. Para a construção do colégio receberam 80000R\$ da FUNAI. A quantia era insuficiente para o projeto, e por isso começaram uma arrecadação de 60R\$ por família. Hoje, falta apenas terminar a construção de uma sala, dividindo uma em duas. Antes eram apenas 11 alunos, mas hoje já são 60. Só há um professor e devem chegar mais 4 para suprir a demanda. A escola na beira da praia existe há 12 anos em um espaço privado. Ela será passada para cima em um espaço colaborativo maior com 2 salas e deve ser inaugurada em 2016.



(Ex-)Escola e sala de reunião para os encontros da comunidade

“O objetivo agora é terminar o **colégio**. Educação e saúde em primeiro lugar. Para saberem se valorizar e passar a informação adiante. Para ter história para contar, seguir a cultura sem vergonha da realidade que passaram. Para que saibam do passado, sofrimento e saibam valorizar a própria cultura. As pessoas devem saber a verdade! O povo indígena não deve esquecer da própria história e de todo o sofrimento passado. O índio não nasceu



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

em berço de ouro. Antes não pensavam em ter roupa boa, comer bem, dormir em colchão bom, etc. Hoje sim, buscam uma “evolução”.” (Sebastião, cacique da aldeia Xandó)

Na aldeia-mãe Barra Velha há 700 alunos. A faculdade de licenciatura em Barra Velha tem ingresso pelo ENEM, priorizando os índios locais. Ela se chama FMG e apesar de ser uma faculdade mineira, está presente dentro da aldeia e também em Belo Horizonte. Há cursos de técnico de enfermagem, engenharia mecânica e civil, computação e veterinário. Existe também a IFMA, uma faculdade em Porto Seguro para os índios.

Há casas de pau-a-pique, de madeira, de palha de coco e de alvenaria. A desvantagem da casa de palha é que pega fogo facilmente, portanto houve um processo natural de escolha pela alvenaria.









Casas de palha, pau-a-pique, alvenaria e misturadas (Barra Velha e Xandó)

“Xandó é considerada uma aldeia rica, vista como um espaço alvo para empresários de Caraíva. Como Caraíva ficou pequena, a única forma de expansão é em direção à aldeia. Caraíva antes era reserva indígena. O tempo passou e hoje quem recebeu o terreno é empregado de quem tem a pousada ou restaurante. Não existe documento oficial de posse. Só a construção pertence a alguém, a terra não.” (Sebastião, cacique da aldeia Xandó)

Há um projeto de um centro cultural em uma ilha fluvial do rio Caraíva para rituais, plantação de mandioca e ecoturismo para manter a cultura viva. Este projeto visa uma interação mais harmoniosa com os visitantes de Caraíva, que poderiam conhecer melhor a cultura Pataxó e apoiar, assim, a sua luta e resgate cultural.

Linha do tempo

	<p>Depois do Fogo de 51, Pataxó considerados extintos. Retorno de famílias, mas sem garantia de posse da terra. Chegada de fazendeiros.</p>		<p>FUNAI reconhece as irregularidades de demarcação da Terra Indígena Barra Velha e reconhece o direito dos Pataxó de terem identificadas suas terras tradicionais.</p>		<p>Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215 no Congresso</p>
1944	1957	1971	1997	2000	2015
<p>Iminência de criação do Parque Nacional. Notícia de que os indígenas teriam que sair da área.</p>		<p>Reconhecimento dos Pataxó pela FUNAI.</p>		<p>A última retomada das terras indígenas com o apoio e a segurança da FUNAI.</p>	

Fontes complementares

As fontes complementares foram consultadas para completar o relatório com datas históricas e informações exatas sobre acontecimentos, órgãos e localizações.

Aragwaksã: Plano de Gestão Territorial do povo pataxó de Barra Velha e Águas Belas.

Leituras Pataxó: Raízes e Vivências do Povo Pataxó nas Escolas.

Legislação Indigenista

<http://www.icmbio.gov.br/portal/o-que-fazemos/visitacao/unidades-abertas-a-visitacao/194-parque-nacional-do-monte-pascoal.html>

<http://www.ngb.ibge.gov.br/Default.aspx?pagina=divisao>

http://www.wikiparques.org/wiki/Parque_Nacional_do_Monte_Pascoal

<http://portal.mj.gov.br/combatepirataria/data/Pages/MJA63EBC0EITEMID97E40658299248708ABD93B127495C90PTBRIE.htm>

<http://indios-brasileiros.info/o-primeiro-contato.html>



BRASIL

MOVIMIENTO
REGIONAL
POR LA TIERRA

Créditos

Um agradecimento muito especial a todos os novos amigos Pataxó, que me ajudaram com muito carinho e paciência: Daniel (Guanamby) Santos, Jucimario Vakai, Clérison (Kandurú) Santos, Jarauí Marcelino, Ana (Jandaia), Sebastião (Kandurú), Akurynã Pataxó e o pajé Ouriço.

Registro fotográfico: Camila Peters Ferrão.